

## **AS PRAÇAS HISTÓRICAS NA FORMA URBANA DAS CIDADES DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA: ANÁLISE MORFOLÓGICA ATRAVÉS DE ACERVO ICONOGRÁFICO**

Glauco de Paula Cocozza<sup>1</sup> (glauco\_cocozza@yahoo.com.br)  
Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale<sup>2</sup> (mariliabtvale@yahoo.com)  
Claudia dos Reis e Cunha<sup>3</sup> (claudiasreis@faued.ufu.br)

### **Resumo:**

O presente trabalho investiga o papel das praças no processo de configuração dos núcleos urbanos das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, situadas na parte mais oriental do Estado de Minas Gerais, na região centro-oeste do Brasil. A pesquisa propõe-se a investigar a origem e a importância das praças constituídas durante do século XIX na conformação dos núcleos urbanos, destacando quatro deles - Uberlândia, Uberaba, Araxá e Araguari - pela importância que tiveram para a ocupação e consolidação do povoamento na região, bem como pelos processos de alteração que seus espaços originais sofreram ao longo dos anos. A pesquisa teve diferentes objetivos, e um dos principais foi a análise feita através de acervo iconográfico, pesquisado em diferentes setores públicos e privados das cidades investigadas. Através desse acervo foi possível mapear as diferentes fases de transformação das praças e do seu entorno, e sua inserção no tecido urbano, os elementos de composição espacial das praças, e reproduzi-las graficamente através de desenhos que retratam essas alterações na espacialidade.

**Palavras-chave:** Praças históricas; forma urbana; acervo iconográfico.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista. Professor do PPGAU da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFU

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista. Professora do PPGAU da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFU. Coordenadora do projeto de pesquisa **As praças na conformação dos espaços urbanos do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: do início do século XIX a meados do século XX**

<sup>3</sup> Arquiteta e Urbanista. Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da UFU.

## 1. Introdução

O crescente interesse, tanto no âmbito nacional como mundial, pelo estudo da forma urbana apresenta alguns objetivos comuns e específicos de modo a estabelecer critérios de compreensão sobre como se dá o processo de transformação, estruturação e configuração espacial das nossas cidades. A forma urbana é o resultado final dos problemas postos às disciplinas urbanísticas e arquitetônicas, é o que define o caráter da intervenção do espaço, buscando uma resposta ao problema posto por determinado contexto, seja ele histórico, social ou territorial.

A análise da morfologia da cidade revela uma dimensão que não é apenas espacial, mas também temporal, ao mesmo tempo em que, aponta uma profunda contradição nos processos de apropriação do espaço pela sociedade. Isto ocorre porque o espaço urbano é produto da materialização de relações sociais que se realizam – em um determinado momento - enquanto emprego de tempo. (BOSI, 2007, p. 55)

A sociedade sobrevive em meio a um contínuo de transformação física e ambiental, na construção de territórios de ocupação humana. As formas urbanas, no seu caráter plural, são constituídas pela composição de diferentes unidades espaciais e elementos morfológicos. Tais elementos dividem o meio urbano em partes, que podem ou não ser estudadas separadamente. O estudo da forma urbana, a morfologia urbana, teve ao longo de sua história algumas correntes de estudo que se caracterizaram por dar maior ênfase a um determinado elemento morfológico.

A morfologia urbana é o estudo da forma construída das cidades, e procura explicar o desenho, a distribuição e a composição espacial das estruturas urbanas e espaços abertos, suas características materiais e significados simbólicos, apresentando as forças que tem criado, expandido, diversificado e transformado as cidades.

Segundo Lamas (2000), a morfologia urbana estuda o tecido urbano e seus elementos construídos, formadores de sua evolução, transformadores, inter-relações e dos processos sociais que a geraram. De acordo com Moudon (1997), existiram três importantes escolas de morfologia urbana que definiram as correntes de investigação no início do século XX, e que se baseavam no entendimento dos processos para a estruturação da forma urbana.

O estudo da forma urbana brasileira, de acordo com De Alvarenga Pereira Costa (2007), apresenta diferentes objetivos e métodos de investigação. O presente estudo se enquadra no que ela define como o grupo de história e patrimônio, pois pretende traçar a evolução histórica da forma urbana através do estudo de um elemento essencial para a configuração das cidades, as praças.

Figura 1. Localização do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e as cidades estudadas: Araxá, Araguari, Uberaba e

Uberlândia.



Fonte: Google, 2013. Adaptação: Neurb-UFU, 2013.

Este trabalho investiga o papel das praças nos processos de configuração urbana de cidades das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, situadas na parte mais oriental do Estado de Minas Gerais, na região centro-oeste do Brasil (Figura 1). Atualmente, estas regiões conjuntamente se constituem na segunda maior economia do Estado de Minas Gerais e seu terceiro maior contingente populacional (2.168.849 habitantes), congregando 66 municípios. A pesquisa se concentrou nas principais cidades, Uberlândia, Uberaba, Araxá e Araguari.

## 2. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA

A partir do século XVII, a região conhecida como Sertão da Farinha Podre começa a ser desbravada pelos bandeirantes paulistas que exploravam o território em busca de riquezas minerais. Após o descobrimento do ouro em Goiás (1722) e Mato Grosso (1729), constituiu-se na principal rota de penetração das populações que demandavam estas novas fronteiras auríferas, fazendo sua ligação com a Capitania de São Paulo. Após a decadência da exploração do ouro (1750), o caminho foi abandonado e a região permaneceu praticamente despovoada, a não ser pela presença dos povos indígenas. Mas, a partir das últimas décadas do Século XVIII, passou a receber povos oriundos do oeste de Minas Gerais – região tradicionalmente produtora de gados e bens agrícolas que abasteciam as áreas mineradoras da região central – que demandavam novas áreas de expansão para suas atividades.

Este processo se intensificou a partir do início do Século XIX, mudando substancialmente o perfil populacional da região com a dizimação e/ou afastamento da população indígena, incorporando-a definitivamente ao contexto geográfico nacional. Neste

processo de ocupação do território, o estabelecimento das fazendas e as atividades agropastoris desempenharam os papéis primordiais; a ruralização de sua vida econômica e social foi, certamente, sua principal característica durante todo o Século XIX. No entanto, paralelamente verificou-se o estabelecimento dos primeiros arraiais e povoados que dariam origem à maioria de suas atuais cidades e definiriam sua atual rede urbana (VALE, 1997).

Segundo TEIXEIRA (2001), o Brasil constitui o território onde se verificaram alguns dos mais interessantes desenvolvimentos do urbanismo português entre os séculos XV e XVIII e aponta, como uma das características mais importantes dessa tradição a multiplicidade de praças dentro de um mesmo núcleo urbano. No século XVIII, a praça regular centrada na malha urbana tornou-se o modelo dominante, correspondendo ao culminar do processo de crescente racionalidade dos traçados urbanos, adquirindo cada vez mais um papel estruturante. As novas vilas projetadas para o Brasil durante o período Pombalino consolidam este modelo. Esse padrão setecentista parece permanecer como referência para a constituição dos núcleos que surgem no interior do Brasil no qual a capela e o adro, de formato regular, se constituem nos elementos ordenadores do espaço urbano, como é o caso da região proposta para estudo (Figura 2).

Figura 2. Mapa de Uberlândia onde se percebe o adro religioso, a via perpendicular ao rio e o conjunto de praças na sua trama urbana.



Fonte: Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 2013.

Nenhum dos núcleos urbanos constituídos na região estudada contou, em sua origem, com um planejamento prévio, um traçado que direcionasse ou organizasse a implantação de seu espaço e seu crescimento. Entretanto, embora não se possa falar de um

planejamento urbano propriamente dito, a observação das diversas estruturas urbanas de seus núcleos iniciais, revela algumas constantes no agenciamento desses espaços que permite supor a consciência, por parte dos povoadores, de alguns padrões de organização espacial que se mantiveram ao longo dos novecentos e que lançam as bases de sua conformação espacial. Invariavelmente, a formação dos núcleos urbanos nessas regiões se deu a partir da constituição de um patrimônio religioso e teve como elemento ordenador a capela e seu adro, criando um espaço centralizador regular, em torno do qual se estabeleceram as primeiras residências e os principais edifícios e de onde partiam as primeiras vias, reproduzindo o modelo acima (VALE, 1997).

Essa mesma matriz urbana é vista nas demais cidades da região, definindo um padrão espacial onde a praça é ao mesmo tempo protagonista do seu traçado, mas sem uma preocupação com o seu tratamento, o que irá se alterar ao longo dos anos, definindo um novo papel das praças na forma urbana local.

As praças se formam onde confluem duas ou mais ruas ou, onde dois ou mais contextos se entrecruzam. Por esse motivo as praças são contextos em geral mais complexos que aqueles que as formam, entrecruzando-se. As praças também estão formadas por edifícios os quais envolvem um espaço aberto, ou de um espaço aberto rodeado por edificações; sua qualidade depende, de um lado, do nível de correspondência entre “o cheio e o vazio”; por outro lado, da energia das atividades humanas que contenham ou que as atravessam. (MAGNOLI, 2006, p. 153)

Os espaços livres são inerentes à forma urbana. Eles se configuram em diferentes categorias, tipologias e características no meio urbano, principalmente pela introdução ao longo da história das cidades de diferentes padrões urbanísticos, que foram costurando tessituras que configuram os sistemas de espaços livres. O processo de transformação urbana gera uma grande diversidade de paisagens, com diferentes tipos de espaços livres, incorporando ao sistema um rico mosaico espacial, com inúmeros conflitos, mas com um intenso potencial de transformação.

### **3. AS PRAÇAS HISTÓRICAS NA FORMA URBANA: O PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO ESPACIAL**

A partir das primeiras décadas do século XX, quando os primitivos núcleos passaram a receber melhorias urbanas – tais como: pavimentação das ruas, energia elétrica e água canalizada – aqueles espaços livres passam a ser alvo das atenções públicas, estabelecendo os primeiros espaços tratados como praças e/ou jardins. No processo de expansão urbana que sofrem, novas áreas públicas são constituídas, criando-se praças que adotam novos modelos urbano-paisagísticos.

O trabalho investiga a origem e a importância das praças constituídas durante do século XIX na conformação dos núcleos urbanos da região, pela importância que tiveram para a ocupação e consolidação do povoamento na região, bem como pelos processos de alteração que seus espaços originais sofreram ao longo dos anos.

A palavra praça envolve considerações de ordem social, política e econômica. O termo pertence ao patrimônio cultural coletivo. A praça é entendida como um espaço especial, e não apenas um vazio na malha urbana. A praça adquire valor funcional e político-social, valor simbólico e artístico. A praça é também cenário, a sala de visitas da cidade. (GUERRA,1998)

Ao longo dos anos, esses espaços passaram por diferentes intervenções, acompanhando os modismos e as aspirações das elites políticas locais. O trabalho apresenta através do acervo iconográfico encontrado as transformações espaciais no desenho da praça e no seu entorno por qual passaram as praças nas cidades estudadas

Através de levantamentos fotográficos, mapas antigos, reportagens de jornais, revistas, e outras fontes documentais, o trabalho reconstitui a forma e as diferentes características espaciais e projetuais das praças, desde a fundação das cidades até os dias atuais, buscando o entendimento do papel das praças históricas na forma urbana.

Como resultado pôde-se constatar que algumas praças estudadas, porém não todas, tiveram até cinco (5) fases de transformação espacial, que ocorreram principalmente por mudanças na estrutura urbana, alterações no papel da praça como espaço de convívio e contemplação, e finalmente por espelhar mudanças socioculturais, econômicas e políticas da região. Os cinco padrões espaciais encontrados são:

- Espaço livre sem intervenção projetual;
- Projeto de ajardinamento da praça;
- Projeto eclético da Praça;
- Projeto moderno;
- Projeto contemporâneo da praça.

Essas fases resultaram em desenhos, elementos construídos e paisagísticos distintos ao longo dos anos, o que faz com que a praça seja um local de grande representação dos processos de transformação urbana nas cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Para apresentar essas fases de alteração, utilizamos o exemplo da transformação urbana de Uberlândia como objeto de análise espacial.

### **3.1. As praças históricas de Uberlândia e suas fases de transformação**

As praças históricas de Uberlândia localizam-se onde atualmente está o bairro Fundinho, na região central. Local de fundação da cidade, o bairro é um espaço urbano em

processo de transformação, porém guarda uma memória da matriz urbana que definiu a ocupação territorial da região. Uberlândia seguiu o mesmo modelo urbano de muitas cidades do Triângulo Mineiro.

O adro religioso como marco zero da sua fundação, localizado em uma meia encosta, perpendicular a um rio secundário (Córrego São Pedro), já que o principal rio urbano é o Uberabinha, com uma capela demarcando o espaço da praça, algumas residências no seu entorno e um conjunto de praças costurando o tecido urbano. Atualmente a praça que define o marco urbano inicial é uma praça contemporânea que pouco referencia seu caráter simbólico de local de fundação da cidade. Como parte da praça, a parte de trás da antiga igreja se transformou em um pequeno largo, dividido pela biblioteca (que está no lugar da antiga matriz) e pela Rua XV de Novembro, atualmente o principal eixo viário do bairro Fundinho (Figura 3).

**Figura 3. Foto comparativa da Praça Cícero Macedo em meados dos anos 30 e atualmente**



Fonte: Arquivo Público Municipal e Acervo Neurb-FAUeD-UFU, 2013.

Historicamente esse eixo estruturou parte do traçado, pois conectava os principais espaços livres urbanos da pequena vila, com funções e significados diversos, configurando uma trama urbana com muitas praças. O eixo da Rua XV de Novembro também foi um dos principais pontos de conexão com o novo traçado proposto pela Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que promoveu o crescimento urbano de Uberlândia com uma trama ortogonal e mais ordenada, ligando o Fundinho à sua estação nos limites da área referente ao patrimônio religioso.

As ruas estreitas, as quadras pequenas e as praças, são elementos da forma urbana que caracterizam a paisagem do Fundinho. As praças, embora modificadas quanto a sua forma e desenho, preservam a marca do processo de urbanização, e são patrimônio da

cidade. As alterações sofridas ao longo dos anos se deram por um lado por mudanças do papel da praça na estrutura urbana, e por outro se moldaram às correntes projetuais que incorporam nos espaços públicos elementos tipológicos, paisagísticos e ornamentais que descreveram os diferentes momentos sociais, políticos, econômicos e principalmente culturais da cidade.

A precariedade inicial da urbanização das cidades da região, principalmente no que tange ao tratamento urbanístico, produziu inúmeros espaços livres, cercados por edificações, sem nenhum tratamento paisagístico, porém fundamentais na estruturação da vida urbana local. Os largos e os adros religiosos eram na sua maioria espaços não pavimentados, em geral sem elementos construídos, embora alguma cruz, ou uma pequena fonte poderiam demarcar o território religioso ou para algum uso mais específico, como abastecimento dos animais e de viajantes.

Os espaços livres foram pensados como estruturas essenciais no desenho da vila, tendo diferentes funções estéticas, funcionais e relacionais que serviam ao propósito de urbanização naquele período. A boa disposição e localização dos diferentes tipos de espaços livres indica a que mesmo sem um plano predefinido, as cidades eram pensadas, dispendo de modo estratégico no pequeno espaço urbano das vilas, demonstrando uma intenção projetual, mesmo que tímida, de projeto urbano.

As praças centrais não apresentavam tratamento paisagístico, porém tinham funções específicas, como no caso de Uberlândia, além do adro religioso em frente a igreja matriz, outros espaços livres tinham funções predominantes de usos coletivo, como a Praça da Cavalhadas (atual Coronel Carneiro), de parada das tropas, a Praça do Comércio (atual Praça Doutor Duarte), de espaço de trocas, e da área do antigo cemitério, atual praça Clarimundo Carneiro.

Em alguns deles, como a Praça Dr. Duarte em Uberlândia, antiga praça do comércio (Figura 4 e 5), é possível identificar através de levantamento iconográfico a condição espacial da época e reproduzi-la a sua forma no tecido urbano. Percebe-se que a falta de tratamento urbano, comum a toda cidade, dava ao entorno edificado o caráter definidor dos limites espaciais da praça. Ainda é possível verificar esse tipo de espacialidade em algumas cidades do interior da região, onde o adro religioso ainda permanece praticamente inalterado.

**Figura 4. Foto da Praça Dr. Duarte em Uberlândia no começo do séc. XX.**



Fonte: Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 2013.

Figura 5. Reconstituição da forma urbana da praça Dr. Duarte através da leitura de fotografias antigas.



Fonte: Neurb-FAUeD-UFU, 2013.

Outras praças, como a Coronel Carneiro e Clarimundo Carneiro, apresentaram ao longo dos anos diferentes características espaciais e projetuais, que merecem destaque na constituição da paisagem da cidade, e se caracterizam como espaços simbólicos que definem o processo de urbanização de Uberlândia.

A praça coronel Carneiro, antigo largo da Cavahada e Praça da Independência, apresenta atualmente um desenho moderno, resultado da sua última transformação na década de 70, porém passou por diferentes fases de transformação até a sua configuração atual. A praça sempre fora um grande espaço aberto cercado por residências, no limite da cidade, com uma dimensão generosa. No início, a praça, assim como as outras, era apenas um grande

espaço de chão batido, ponto de encontro das tropas que vinham do interior, e que pela proximidade com uma das entradas da cidade, descansavam ali antes de seguir viagem.

O reforma do arruamento do Fundinho promovido pela Companhia Mogiana, ajustou as irregularidades do primeiro traçado, e alterou a geometria da praça, tornando-a mais retangular. Essa modificação criou uma maior integração entre a antiga estrutura urbana e o novo traçado da cidade. A organização espacial propiciou uma nova realidade para o local da praça, que ganhou uma primeira intervenção paisagística, seguindo princípios de ajardinamento eclético, com alguns elementos construídos como coreto, fontes, iluminação e uma vegetação arbustiva bem ordenada.

Essa primeira intervenção paisagística altera drasticamente o papel da praça no contexto urbano local, tornando-a um local para as principais manifestações públicas e um local aprazível para diferentes apropriações no cotidiano de uma cidade que começava a se desenvolver. O “embelezamento” promovido pelo ajardinamento seguiu um modelo eclético, com linhas diagonais e transversais que se cruzam em uma área mais aberta, organizando os fluxos para o interior da praça, e definindo um espaço com alguns novos elementos urbanos, essenciais no desenho das praças desse período (Figura 6).

**Figura 6.** Primeira intervenção paisagística da Praça Coronel Carneiro. Na foto pode-se perceber o coreto, a vegetação topiada, o pórtico de entrada da praça com a iluminação. Ao fundo as torres da antiga igreja matriz.

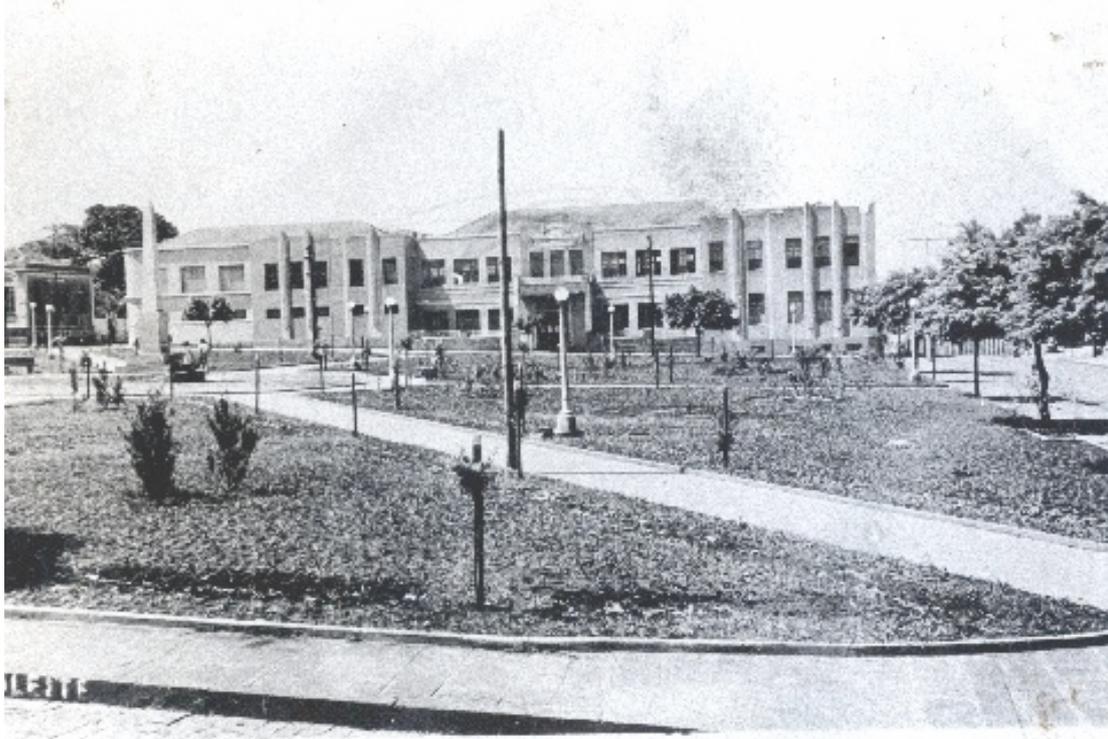


Fonte: Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 2013.

A intervenção propiciou a utilização da praça como local de passeio e contemplação, criando uma nova paisagem urbana, mais apropriada ao novo contexto arquitetônico das residências no entorno da praça. Na Figura X pode-se perceber o conjunto

arquitetônico eclético no entorno e sua relação com a praça, com o coreto, e a luminária em pórtico de ferro em cada entrada da praça.

**Figura 7. Segunda Intervenção paisagística da Praça Coronel Carneiro. Pode-se perceber o desenho em cruz mantido, porém convergindo agora para um pequeno obelisco. No canto direito árvores marcam o limite da praça.**



Fonte: Arquivo Público Municipal, Uberlândia, 2013.

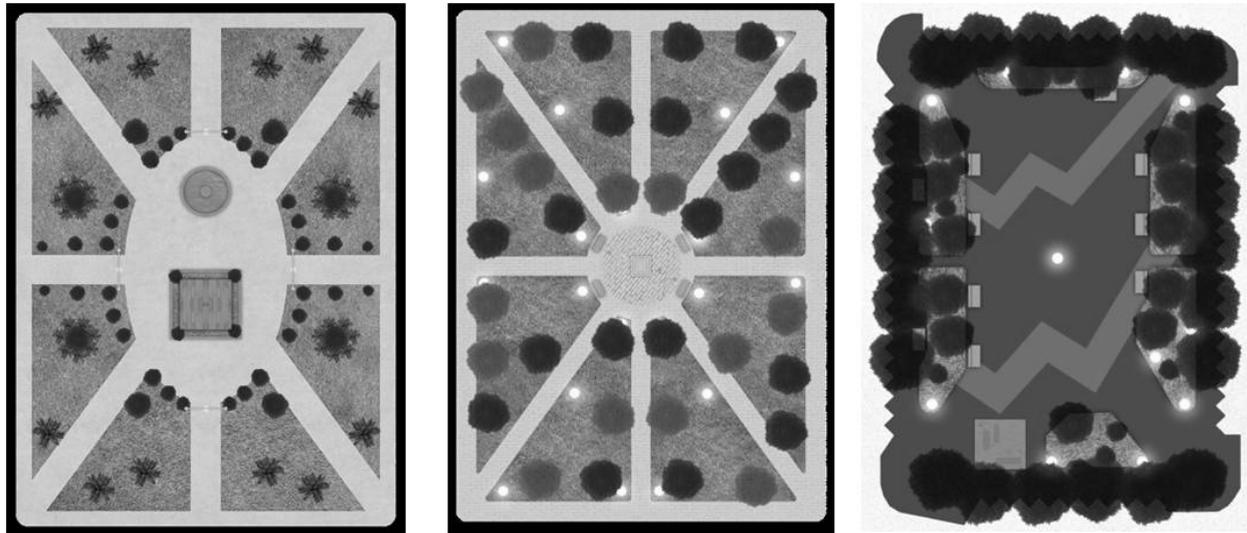
O primeiro desenho sobreviveu alguns anos e foi substituído por outro, incorporando novos elementos à paisagem urbana. O coreto, a fonte e outros elementos que correspondiam à fase eclética foram substituídos por um obelisco no meio da praça, e novos postes de iluminação. O traçado permaneceu com alguns ajustes na sua dimensão, porém a vegetação arbustiva fora substituída por maior quantidade de espécies arbóreas, criando uma nova ambiência urbana para a cidade (Figura 7).

Efetivamente, da concentração complexa e caótica da praça, buscou-se a concentração organizada e elegante do jardim. Praça pública e jardim público abrigaram dos séculos 16 ao 18 a convivência dos opostos. Talvez o jardim como o antídoto moderno à praça medieval. O jardim como a antítese da praça. (SEGAWA, 1996)

Por fim, embalada pelas inúmeras intervenções modernistas na cidade, a Praça Coronel Carneiro ganha uma última alteração no seu desenho. Seguindo princípios modernos, com os canteiros foram diminuídos, deixando o interior da praça para um grande espaço aberto pavimentado de pedra portuguesa, emoldurado por uma vegetação arbórea mais expressiva e que delimita as bordas (Figura 8). Alguns novos elementos complementam o desenho, como o palco para apresentações musicais, algumas esculturas e bancos em concreto armado. O

desenho permanece até a atualidade, com algumas atualizações, como os estacionamentos ao redor dos quatro lados e a constante substituição das espécies arbustivas.

Figura 8. Processo evolutivo do desenho da Praça Coronel Carneiro em Uberlândia.



Fonte: Neurb-FAUeD, 2013.

O antigo cemitério da cidade de Uberlândia deu lugar a atual Praça Clarimundo Carneiro. Situada na parte mais alta do antigo povoado, o local sempre se caracterizou pela generosidade espacial. O plano urbano que ligou o Fundinho à estação ferroviária se conectou ao antigo traçado exatamente pelos caminhos que circundavam o cemitério, transformando-o em um importante espaço público urbano e um das principais pontos de acesso ao restante da cidade (Figuras 9 e 10).

Figura 9. Foto da Praça Clarimundo Carneiro década de 50. O edifício da prefeitura no centro da praça define a sua espacialidade. A vegetação topiada marca a paisagem da época.



Fonte: Acervo Público Municipal, Uberlândia, 2013.

Figura 10. Vista área de Uberlândia década de 30. No centro da foto a Praça Clarimundo Carneiro aparece em destaque, com o edifício da prefeitura no centro da praça. No canto direito a antiga praça do comércio já com intervenção paisagística.



Fonte. Acervo Público Municipal, Uberlândia, 2013

Coube ao Arquiteto Cipriano Del Fávero o projeto da nova Praça, que organizou o traçado em função do edifício da nova Prefeitura. O edifício definiu o desenho em duas áreas, uma no seu entorno com maior presença de canteiros ajardinados, e uma área em frente à sua entrada, mais aberta, com um coreto demarcando a paisagem do lado oposto. O desenho eclético dos canteiros também definiram a paisagem da praça, que preserva praticamente a mesma estrutura até os dias atuais.

Mesmo com a transferência da prefeitura para um novo paço municipal, a praça não perdeu suas características principais, se tornando o principal exemplo eclético no espaço urbano de Uberlândia, já que as demais praças centrais sofreram uma remodelação, com princípios modernos e contemporâneos. O rápido crescimento urbano, o processo de verticalização da área central, e o aumento no número de veículos na região central, alteraram e muito o papel da praça no contexto urbano local.

Atualmente a praça está cercada por vias de alto fluxo urbano, tanto de automóveis quanto de ônibus, o que altera a sua dinâmica urbana. Os casarios que emolduravam a praça deram lugar a edifícios verticais. A arborização cresceu e hoje proporciona lugares sombreados onde a população pode se refugiar da agitação da área central. O edifício, agora municipal, ainda marca a paisagem local e preserva a memória da evolução urbana uberlandense.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da forma urbana passa por um momento de novas perspectivas analíticas que contribuem de diferentes modos para a compreensão do espaço urbano. Essa “arqueologia urbana”, no sentido de revirar o passado, escavar os pequenos detalhes das cenas urbanas, reconstituir cenários espaciais que marcaram determinados momentos, revela o que temos atualmente como produto dos processos urbanos e sociais. Esses processos são contínuos e não lineares. Dependem de ações públicas e de um maior diálogo entre os principais atores que determinam o destino de cada praça na cidade, e que podem e devem agir em prol da sua preservação, e convergindo para uma boa gestão e manutenção dos espaços públicos urbanos.

A pesquisa revelou alguns aspectos importantes sobre o processo de transformação urbana através das praças históricas. As praças contêm as gêneses de alteração dos padrões urbanísticos adotados em determinados períodos, onde se revela alguns conflitos, contradições e pensamentos vigentes em cada época das cidades.

O acervo iconográfico é uma importante ferramenta para o estudo da forma urbana. Os diferentes momentos registrados em plantas, fotos e desenhos nos auxiliaram a traçar os diferentes momentos projetuais das praças nas cidades, onde é possível verificar os principais elementos de composição paisagística das praças, o seu desenho, como as espécies organizavam o espaço, alguns elementos construídos e como se deu o processo de transformação da paisagem urbana.

Durante a pesquisa pode-se observar que as praças serviram ao interesse público e privado como forma de ordenação da vida social e coletiva das cidades enquanto espaço de representação da sociedade. As fases de transformações demonstram que o espaço livre é alvo fácil de decisões projetuais que servem a um propósito nem sempre qualitativo, mas de visibilidade de determinadas questões urbanas e sociais, e de diferentes modos de compreensão do papel do o espaço público.

É preciso entender o significado desses espaços para o atual contexto urbano. Não são espaços que devam ser engessados e muito menos reestilizados como nos primeiros desenhos da praça, mas espaços que possam ter uma intervenção que mantenha, que resgate e promova a sua qualidade urbana e ambiental. Mesmo com a perda de parte da memória urbana, da perda de uma espacialidade mais condizente com o contexto local, o sentido identitário da praça se reinventa e sobrevive pela sua força no espaço urbano.

## REFERÊNCIAS

- ALEX, S. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.
- BOSI, E. **Morfologia e temporalidades urbanas - o “tempo efêmero” e o “espaço amnésico”**. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.
- COCOZZA, G. de P.; OLIVEIRA, L. M. **O sistema de espaços livres e a constituição da forma urbana na cidade de Uberlândia, MG**. Anais do 6º Colóquio QUAPÁ-SEL, São Paulo, 2011.
- DE ALVARENGA PEREIRA COSTA, S. **O estudo da forma urbana no Brasil**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 087.05, Vitruvius, ago. 2007 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/220>>.
- FILHO, A. **Colchete. Praça XV: Projetos do Espaço Público**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008.
- GUERRA, M. E. A.. **As “praças modernas” de João Jorge Coury no triângulo mineiro**. Dissertação de Mestrado, USP São Carlos, 1998.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal, 2000
- MARX, M. **Nosso chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: Edusp, 1989
- MAGNOLI, M. M. Em busca de “outros” espaços livres de edificação. **Paisagem e Ambiente: Ensaios. Nº 21**. São Paulo, 2006
- MOUDON, A.V. **Urban morphology as an emerging interdisciplinary field'**, Urban Morphology vol. 1 pp. 3-10, 1997
- QUEIROGA, E. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. Tese de Doutorado USP, São Paulo, 2001.
- ROBBA, F.; Macedo, S. S. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002
- SEGAWA, Hugo. **Ao amor do Público: Jardins do Brasil**. São Paulo: Fapesp, 1996.
- TEIXEIRA, M. (coord.) **A construção da Cidade Brasileira**. Lisboa: Novo Horizonte, 2004
- \_\_\_\_\_ **A Praça na Cidade Portuguesa**. Lisboa: Novo Horizonte, 2001
- TEIXERIA, M.; VALLA, M. **O urbanismo português, séculos XIII-XVIII, Portugal-Brasil**. Lisboa: Novo Horizonte, 1999
- VALE, M. M. B. T. **Arquitetura Religiosa do século XIX no antigo “Sertão da Farinha Podre”**. São Paulo: Tese (Doutorado), FAU-USP, 1997

## Agradecimentos

À FAPEMIG - Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais, pelo financiamento desta pesquisa.